

A FESTA – APRESENTAÇÃO

Jerusa Pires Ferreira*

Não há tema de mais circulação, de trânsito entre diversos domínios da arte, do pensamento ou da existência. Creio que toda festa tem dimensão religiosa. É a negação do destino obscuro, da cotidianidade chã, é uma brecha de eternidade (mesmo implicando bastidores e cotidianos) que nos toca.

A festa é a força da promessa, o reino da utopia conferida e o espaço onde tudo o que existe na vida social pode trocar de sentido ou se prolongar. Mas é também o espaço em que a reversão volta a se organizar e parece que, logo, tudo vai sendo como dantes.

A festa de rua envolve os que estão lá, a festa popular nos fala de todos e de nós. Aproxima os mais diversos Brasis e assim nos leva a constatar a espantosa unidade deste país. E nos põe também a pensar como enfim podemos imaginar o mundo que pode ser fugaz mas profundamente nosso.

Nos espaços públicos e domésticos, nos profanizados ou sacralizados, é tudo pulsão de vida e morte, num jogo fascinante e alternado.

Assim me parece ser impossível dizer que não me encanto com estas pesquisas que se oferecem numa pluralidade sem fim. Como é fácil de ver, elas se articulam nos espaços da mobilidade, e vão processando antigas memórias e novos meios.

Os ritos podem se transformar em espetáculo. As dimensões se alteram, um corpo mixto de referências acha lugar. As mídias se implantam e conduzem até que, em certo momento, algum bastidor da festa se resguarde. E crie um espaço da transmissão sagrada ou se apóie naquele da intransmissibilidade e do silêncio.

Nelas o amor, a força do corpo e dos gestos, a construção das visões feéricas e o jogo permanente que nos leva a ter na esperança (de comida, de vida, de fartura, de alegria, de contemplação, de criação) o apoio para nossas fabulações e alegorias.

A festa, somos nós mesmos. Em ritmo de santo, de samba, de procissão, de folgado. Ou mesmo nos clubes urbanos onde pessoas de idade fazem vestimentas adequadas e vão dançar, em temporalidades perturbadas, prolongando no entanto seus momentos vitais.

É a espera aflita pela chegada daquele dia, dos minutos, da hora em que partilhamos a eternidade, e depois o desgosto da fugacidade que nos aflige. Como dizia o poetinha, o nosso santo Vinicius, “dia de festa é véspera de muita dor”.

E há ainda o comentário, aquilo que se diz no dia seguinte, a retomada do eterno ciclo de dizer o que foi, e de esperar o que virá.

A festa detém a morte e, sempre que pode, nos anuncia o quanto somos intensos em nossa transitoriedade, justificados em nossa eterna espera...

Os vários trabalhos que orientei ou oriento na pós-graduação da PUC-SP me levaram a pensar que é impossível recusar a Festa como tema. Sobretudo ensinando num programa de Comunicação e Semiótica, e imaginando que aí não se deva descartar a história social e a história da cultura e dos meios, em processo.

Os trabalhos aqui reunidos tratam de várias regiões do Brasil e ainda da Galícia, às quais se vem juntar também a comunicação que nos foi cedida pela companheira de longa data e pesquisadora Marlyse Meyer. Eles têm como foco as nossas culturas populares, em suas várias dimensões, que se oferecem numa pluralidade sem fim, marcadores específicos de um tipo de vivência que acompanha nosso tempo. Como é fácil de ver, articulam-se nos espaços da permanência, da simultaneidade e da transformação, e vão processando recônditas memórias e aquilo que provém de novas linguagens.

Recebido em abril/2004; aprovado em maio/2004

Nota

* Jerusa Pires Ferreira é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e coordenadora do Centro de Estudos da Oralidade no mesmo Programa.